

Ensino do léxico por meio da leitura mediada

Doutoranda Lucilene Bender de Sousaⁱ (PUCRS)

Prof. Dr. Rosângela Gabrielⁱⁱ (UNISC)

...

Resumo:

Existe uma forte relação entre o conhecimento das palavras e a proficiência em leitura, o que vem sendo comprovado por inúmeras pesquisas. A leitura revela uma imensidão de palavras e possibilidades semânticas desconhecidas pelas crianças, inaugurando uma nova modalidade de interação e experiência com a língua materna. Constitui-se, assim, como um importante espaço de aprendizado de vocabulário porque apresenta as palavras em contextos significativos. Além de contribuir para a ampliação do conhecimento léxico-semântico, a leitura promove o desenvolvimento da atenção e consciência, possibilitando um movimento mais lento, de pensar a língua, integrar e compor as ideias expressas nas palavras. Neste trabalho, refletiremos sobre o uso da leitura mediada como caminho pedagógico para o ensino do léxico em língua materna e incremento da proficiência leitora. Primeiramente, explicaremos a natureza cognitiva da palavra e a importância de processos metacognitivos para o aprendizado lexical. Em seguida, descreveremos importantes estratégias de inferência lexical na leitura. Por fim, exploraremos de que forma a leitura mediada pode ser utilizada pelo professor no ensino de vocabulário. O uso desse recurso pedagógico tem a vantagem de ser de simples aplicação, pois não requer equipamentos ou investimentos, e permite ao professor trabalhar com dois pontos fundamentais para o aprendizado de palavras: a metacognição e as estratégias de inferência lexical. Além disso, a leitura mediada é agradável aos alunos, pois tem como essência a construção do conhecimento léxico-semântico por meio da interação em grupo. A leitura mediada tem potencial para gerar ampliação do léxico em língua materna e desenvolvimento na compreensão leitora, visto que tem como cerne o processo de pensar sobre a língua e seu uso coletivamente.

Palavras-chave: ensino, léxico, leitura mediada, inferência, metacognição.

1 Introdução

Tradicionalmente, o ensino do léxico apoia-se no uso de dicionários como principal ferramenta metodológica. No entanto, não temos no cérebro um dicionário com definições como as que criamos em papel. O léxico mental é muito mais informativo, flexível e atualizado (SOUSA; GABRIEL, 2012). A pesquisa cognitiva nos mostra que, tão importante quanto a definição de uma palavra, são seus contextos de uso. Neste artigo, descrevemos brevemente alguns aspectos cognitivos e interativos que consideramos importantes a se considerar no ensino do léxico, também refletimos sobre o uso da leitura mediada como metodologia para o ensino do léxico e da leitura.

2 A natureza cognitiva das palavras

As palavras são instrumentos psicolinguísticos que utilizamos para significar o mundo e nos comunicarmos, elas estão diretamente ligadas ao nosso processo de pensamento. As palavras são entidades cognitivas que se materializam na linguagem oral e escrita. Elas não apenas apontam para referentes externos, mas também internos ao falante, referentes que compõem a sua cognição. Segundo Vygotsky (2001, p. 398), o significado da palavra é a unidade que reflete de forma mais simples a unidade existente entre o pensamento e a linguagem.

A palavra possui, pelo menos, dois aspectos: forma e conteúdo, significante e significado.

Saussure (1986) compara-os aos dois lados de uma moeda, ilustrando sua relação de interdependência. Acreditamos que a relação significante/significado talvez não seja apropriadamente comparável a uma moeda, mas sim a um cristal com suas múltiplas faces que representam as várias possibilidades semânticas. O significado não constitui uma única face, como na metáfora da moeda, já que ele é constituído por traços ou nós de uma rede semântica altamente complexa. Da mesma forma, o significante é também uma generalização construída a partir de inúmeras exposições à língua e com possibilidades de variação ortográfica e fonológica.

Conforme Elman (2004), as palavras são como pistas para o significado; sendo assim, o léxico mental, ou dicionário mental, não é um estoque passivo de palavras, mas uma grande rede dinâmica em que os sentidos estão distribuídos e são sensíveis ao contexto. O significado de um grupo de palavras depende do significado das palavras constituintes, o que faz com que sentido e significado sejam quase sempre dependentes do contexto. Devido ao aspecto cognitivo e polissêmico do léxico, sua aquisição não é neutra e impessoal. Os significados não são únicos e objetivos, como aqueles que vemos nos dicionários. As pessoas não possuem em seus léxicos mentais exatamente os mesmos significados para as mesmas palavras, nem o mesmo espectro de compreensão. Os significados são construídos a partir da interação social, das experiências individuais e das realidades mentais pessoais, dotadas de valores e graus de sentidos diferentes, que são dinâmicos e evoluem constantemente.

Um dos fatores decisivos para o desenvolvimento de um nível maior de conhecimento das palavras é a metacognição, que, segundo Tomasello (2003b), desenvolve-se na criança entre os 5 e 7 anos de idade, juntamente com a autorregulação. Através da metacognição, “o sujeito percebe, entende e categoriza sua própria cognição, o que é facilitado pelo fato de que ela é expressa externamente pela linguagem” (Ibid., p. 273). Dessa forma, a linguagem serve de instrumento de mediação da metacognição, o que possibilita que a criança reflita sobre seu processo de pensamento, pense sobre o processo de significação das palavras, sobre sua fala e sua escrita. A alfabetização, por exemplo, acarreta o desenvolvimento da consciência fonológica. Nessa fase, a criança começa a perceber o contorno das palavras e os sons que as compõem. É a capacidade metacognitiva, aliada ao ensino da leitura e da escrita, que possibilita o desenvolvimento da consciência fonológica e morfológica. Através delas, a criança poderá decompor a frase em palavras, as palavras em sílabas, morfemas e letras. Os morfemas, menores unidades significativas da palavra, podem servir para inferência de significados de novas palavras.

O aprendizado da leitura e da escrita é fundamental para que a criança comece a pensar a língua. Leitura e escrita implicam operações cognitivas que exigem um nível de consciência maior do que o usado pelas crianças em seu cotidiano comunicativo. Tanto o processo de compreender a leitura quanto o de escrever exigem um monitoramento constante da atenção e da memória. A escrita talvez seja o processo mais desafiador para a criança, pois exige a transição da modalidade oral para a escrita, e vice-versa, levando a criança a pensar e avaliar sua própria expressão linguística.

A prática da leitura coloca a criança diante de palavras desconhecidas ou de baixa frequência de uso, próprias da língua escrita; da mesma forma, a prática da escrita faz com que a criança dê forma e expressão aos seus pensamentos. Esses movimentos, da palavra para o pensamento, do pensamento para palavra, certamente conduzem a um novo relacionamento com a palavra, desenvolvendo-se, assim, um nível superior de compreensão dos conceitos e de sua correlação com as formas lexicais. Concomitantemente à aquisição da forma da palavra, dá-se o desenvolvimento dos significados das palavras, que ocorre de forma incremental a cada nova experiência com elas. Um dos principais processos envolvidos no desenvolvimento dos significados é a inferência lexical que descrevemos a seguir.

3 Inferência lexical

A inferência lexical é o processo por meio do qual o leitor ou ouvinte mapeia, ou “adivinha” através de raciocínio, o significado de palavras desconhecidas, pouco conhecidas ou ambíguas. Conforme Haastrup (1991, p. 40), “o processo de inferência lexical envolve fazer adivinhações informadas do significado de uma palavra à luz das pistas linguísticas disponíveis em combinação com o conhecimento geral de mundo do aprendiz, sua consciência do contexto e seu conhecimento linguístico relevante”. A inferência consiste em atribuir um significado, muitas vezes de caráter prematuro e provisório, à forma lexical. Esse processo envolve a combinação de pistas obtidas pelo conhecimento prévio, linguístico, textual e de mundo, e é fortemente dirigido pelo contexto.

Exemplificamos com o seguinte trecho, retirado do livro infantil “O livro do papel”, da Coleção “O homem e a comunicação”: “Os materiais flexíveis, como tecido, papiro, couro, entrecasca de árvores e finalmente papel, permitiam outras soluções, como as dobras e os rolos. Os primeiros livros feitos pelo homem, há cinco mil anos, eram de barro, na forma de pequenas lajotas.” (ROCHA, 2003). Se o leitor desconhece a palavra ‘papiro’ e a encontra pela primeira vez nesse contexto, ele tem condições de inferir, pelo menos em parte, o seu significado. Utilizando as pistas contextuais, ele poderá inferir que ‘papiro’ é um tipo de material flexível semelhante ao tecido e ao papel que era utilizado na fabricação de livros e para ser usado como suporte para a escrita. Quanto mais informativo for o contexto, mais chances terá o leitor de inferir traços do significado. Por meio da inferência, poderá ocorrer o aprendizado de novas palavras, a consolidação de conhecimentos semânticos e o desenvolvimento de significados de palavras já conhecidas.

Van Daalen-Kapteijns e colaboradores (2001) classificaram as estratégias de inferência lexical em três grupos:

- a) **Orientação textual:** são estratégias realizadas quando o foco da atenção do leitor é o texto, e seu objetivo é a compreensão do texto e não especificamente da palavra. As estratégias de orientação textual têm o objetivo de resolver rapidamente o problema, a palavra desconhecida, para possibilitar a continuidade da leitura. Uma delas é **ignorar**, pular a palavra (*skipping*) e continuar a leitura, outra estratégia é **substituir** a palavra desconhecida por uma palavra familiar, e a terceira estratégia do grupo é **conferir** se a palavra familiar aplica-se ao contexto;
- b) **Orientação para a palavra:** são estratégias cujo objetivo é compreender a palavra, portanto, o participante identifica a palavra e interrompe a leitura para tentar inferir o significado. A estratégia de **uso de pistas contextuais** busca indícios do significado da palavra no contexto, usando para isso conhecimento de nível semântico, sintático e pragmático. Outra estratégia é a **análise morfológica** da palavra, desmembrando os afixos; o participante, através de seu conhecimento linguístico, busca identificar semelhanças da forma da palavra com outras já conhecidas. Outra estratégia, denominada **rehearsal (ensaio, repetição)**, consiste em registrar a palavra desconhecida (sublinhar, anotar, grifar, etc.) para buscar informações após a leitura: se a recorrência inerente ao texto e o contexto não forem suficientemente informativos, o leitor buscará no dicionário, na internet ou noutras fontes significados compatíveis com o texto lido;
- c) **Orientação para o conhecimento de vocabulário:** essas estratégias têm o objetivo de construir um conhecimento paradigmático sobre a palavra, independente do contexto ou da situação de leitura. As estratégias são: **descontextualização**, em que se tenta generalizar, abstrair a significação da palavra fora do contexto em que foi aprendida ou de seu contexto mais típico; **teste cumulativo**, o qual é usado para testar as evidências e contra-evidências do significado da palavra em vários contextos diferentes, por isso é cumulativo, porque o participante vai testando seu modelo, ou hipótese, a cada novo

contato com a palavra, e vai adaptando e somando as informações obtidas até chegar a um modelo satisfatório; **definição**, estratégia em que o leitor tenta articular o que sabe sobre a palavra em uma definição do tipo dicionário, a partir da necessidade de um conhecimento mais sistemático, podendo também buscar a definição no dicionário, caso não a consiga produzir; **análise morfológica** e *rehearsal*, estratégias também classificadas como de orientação para a palavra, realizadas intencionalmente e com o objetivo de aprofundar os conhecimentos sobre o significado da palavra.

O principal critério de classificação das estratégias é o **foco de atenção**. O objetivo do leitor determina quanto esforço ele se propõe a aplicar ao encontrar as palavras desconhecidas, o que depende do interesse dele pelas palavras. As estratégias de orientação textual podem levar ao aumento de conhecimento da palavra, porém, de forma incidental e pouco consciente. Já nas estratégias de orientação para a palavra, o foco do leitor desvia-se do texto para a palavra, exigindo maior consciência. Por fim, as estratégias de orientação para o conhecimento de vocabulário são bastante conscientes, às vezes direcionadas por programas de instrução em estratégias, e são realizadas por participantes que se propõem a aprender novas palavras e valorizam tal atividade. Em uma leitura orientada no contexto escolar, o foco de atenção dos alunos pode ser direcionado pelo professor para as palavras novas ou de baixa frequência de uso, ou ainda àquelas palavras que no texto podem trazer repercussões relevantes para a construção do sentido.

O uso das estratégias de inferência lexical, como descrevemos acima, depende em grande parte de processos conscientes como o direcionamento do foco de atenção. É nesse ponto que a metacognição torna-se necessária para que o leitor desenvolva o controle do seu próprio processo de compreensão e atenção, de forma a escolher as estratégias que auxiliem na significação de novas palavras ou de palavras conhecidas dentro de novos contextos. No entanto, os processos metacognitivos nem sempre correm naturalmente, pois exigem alto esforço cognitivo. A mediação de adultos, especialmente, do professor, é pertinente para que o leitor desenvolva o uso de estratégias de leitura e de inferência lexical, com veremos na próxima seção.

4 Leitura mediada

Conhecer uma palavra não é apenas saber pronunciá-la ou escrevê-la, também não é apenas saber sua definição assim como está nos dicionários. Saber uma palavra é, principalmente, conhecer seu potencial semântico e a sua relação com as outras. O conhecimento lexical, linguístico e pragmático, se desenvolve por meio do uso e para o uso, pois o nível máximo de conhecimento lexical é atingido no momento em que sabemos usar proficientemente as palavras nos mais diversos contextos comunicativos.

Considerando que o aprendizado léxico-semântico ocorre por meio da interação (VYGOTSKY, 1998), a leitura mediada apresenta-se como uma metodologia oportuna para o desenvolvimento tanto da compreensão leitora quanto do léxico. Seu procedimento pode ser realizado de diversas formas adaptando-se aos objetivos do professor. Destacamos três características principais: questionamento, pensar alto e interação.

Questionamento: a forma pela qual o professor conduz a leitura em grupo. Os questionamentos se apresentam como problemas que devem ser resolvidos em colaboração. Eles podem se direcionar para a significação do texto como um todo ou para a significação de palavras e expressões linguísticas específicas.

Pensar alto: a forma pela qual os indivíduos contribuem com a resolução do problema. Cada participante tem espaço para expor seu pensamento ao grupo: apresentar hipóteses, concordar ou discordar dos demais participantes, desenvolver ou complementar uma ideia exposta, dar exemplos e contar sobre suas experiências prévias, ou até mesmo fazer novos questionamentos.

Interação: a forma pela qual se constrói o sentido, seja ele de uma palavra ou expressão, seja ele de partes ou do todo textual. O pensar alto de um participante gera novas hipóteses e questionamentos aos demais, impulsionando a interação do grupo. É essencial que os estudantes

não tenham receio de expor seus pensamentos, então, faz-se um acordo prévio para que haja colaboração e respeito a todas as colocações. O professor ao invés de atuar como “juiz” que julga se as respostas estão certas ou erradas, faz com que o grupo aprecie as ideias colocando-as em apreciação. Assim, o grupo reflete sobre a adequação ou não das ideias expostas. Certamente, há também momentos em que a intervenção direta do professor é necessária.

O papel do professor na leitura mediada é fazer os questionamentos, as provocações, e incentivar o grupo a pensar em conjunto. Se o foco for a compreensão leitora, o professor poderá conduzir o grupo ao uso de diversas estratégias, entre elas, as de orientação textual. Por meio delas, os estudantes aprenderão a lidar com palavras desconhecidas buscando manter o fluxo da leitura. A estratégia mais comum, ignorar a palavra e concentrar-se no texto, não é muito vantajosa para o desenvolvimento do conhecimento do léxico, uma vez que não produz conhecimento sobre a palavra desconhecida. Mais adequadas são as estratégias de substituir e conferir. Ao tentar buscar alguma palavra que substitua a desconhecida, o leitor se obriga a analisar o contexto, pois ele apontará por meio de informações semânticas e sintáticas, para as “candidatas” que mais se ajustam ao sentido textual. A estratégia de conferência exige o uso de habilidades metalinguísticas e metacognitiva para que o leitor consiga avaliar se a palavra escolhida é coesa e coerente com o contexto. A realização desse processo, possivelmente, produz um ganho léxico-semântico, ou seja, um aprendizado parcial da nova palavra.

Quando o foco da leitura mediada é o ensino do léxico, o educador pode levar o grupo ao uso de estratégias como a orientação para a palavra e para o conhecimento de vocabulário. Para isso, é importante escolher um texto apropriado que contenha palavras desafiadoras considerando o conhecimento léxico-semântico de seus alunos. É importante lembrar que mesmo as palavras cuja forma já é conhecida são potenciais fontes de questionamentos quando utilizadas em novos contextos. O texto literário é uma fonte riquíssima para esse trabalho, visto que se propõe a um uso criativo da língua e permite ao leitor brincar com as palavras. Gêneros textuais diversos trazem grupos lexicais também diversos, sendo que cada um merece ser explorado em sua especificidade. Quando o texto for acompanhado de informações gráficas, essas também se tornam alvo da leitura mediada auxiliando na construção do sentido do texto.

A forma de leitura é facilmente adequável aos objetivos didáticos. Pode-se optar por fazer inicialmente a leitura individual em silêncio e depois em voz alta. Essa última pode ser feita pelos estudantes ou pelo professor. À medida que transcorre a leitura em voz alta, a tarefa do professor consiste em interrompê-la para chamar a atenção e trazer questionamentos sobre o significado das palavras, previamente por ele selecionadas, no texto. Os educandos têm a liberdade de expor seus pensamentos e trocar ideias, discutindo o sentido da palavra. Mais do que trazer respostas, ao professor cabe direcionar a discussão fazendo o grupo pensar em voz alta sobre as alternativas sugeridas. Seguramente esse pode também ser um momento oportuno para expandir o conhecimento metalinguístico sobre morfologia, formação das palavras, categorias semânticas, sinônimos e antônimos, linguagem figurada, entre outros temas. Esse trabalho tem o diferencial de partir do uso textual para a reflexão, enriquecendo, dessa forma o ensino, pois possibilita que o aluno consiga mais facilmente atribuir sentido a esses conteúdos e motive-se mais no seu aprendizado. Além disso, todos aprendem juntos, com suas hipóteses e com as dos colegas, contribuindo para o sentimento de pertencimento e colaboração entre os alunos.

Ao longo da leitura mediada, os questionamentos podem encaminhar para o uso das estratégias de inferência lexical. Diante de uma palavra desconhecida, o educador pode indagar por uma substituta e levar os alunos a refletir sobre a adequação das sugestões apresentadas. Quando perceber palavras novas em contextos informativos, pode chamar a atenção dos estudantes para as pistas contextuais. Durante o debate, os educandos podem apresentar hipóteses equivocadas sobre uma determinada palavra. Essa situação é válida para pôr em prática o teste cumulativo que mencionamos anteriormente. Para isso, o professor pode dizer aos alunos outras frases em que a palavra é utilizada e pedir para que pensem se a hipótese apresentada se aplica aos demais exemplos.

Em outros momentos, será importante se desvincular do contexto específico e pensar em outras possibilidades de sentido para a mesma palavra, ampliando a significação de forma a alcançar um significado mais abstrato. Ou mesmo, motivá-los a gerar uma definição para a palavra. A estratégia de definição pode ser uma forma eficiente de sintetizar os debates. Encorajar o registro das palavras aprendidas durante a leitura mediada também é uma estratégia eficiente de aprendizado. Após a leitura em grupo, pode-se fazer um trabalho mais centrado em algum aspecto do léxico, como elaborar frases com as palavras aprendidas ou fazer o registro das vezes que reencontraram a nova palavra em outros textos. Enfim, diversas são as possibilidades de ensino do léxico por meio da leitura mediada. O professor tem autonomia para usar sua criatividade e perspicácia, aproveitando os momentos de debate para ensinar o léxico e as estratégias de inferência lexical.

A eficácia da leitura mediada no desenvolvimento léxico-semântico foi observada na pesquisa que realizamos (SOUSA; GABRIEL, 2011) com crianças do 4º ano do Ensino Fundamental. Selecionamos dois grupos para realizar a leitura de quatro livros. Em um dos grupos, deixamos a professora livre para fazer a leitura a sua maneira. No outro grupo, pedimos que a professora lesse os mesmos livros, mas questionasse os alunos sobre o significado de algumas palavras que indicamos nos textos, dando-lhe instruções para conduzir o processo interativo de leitura e de pensar alto em grupo. Ao final da pesquisa, o grupo que teve a leitura com mediação mostrou maior ganho de conhecimento léxico-semântico, ou seja, maior aprendizado sobre as palavras comparado ao grupo que teve a leitura convencional.

Algo semelhante tem sido observado por Beck e McKeown (2005) em um programa chamado *Text Talk* que utiliza a leitura mediada como metodologia de ensino. Esse é um programa de leitura para séries iniciais, integrado a um programa de instrução de vocabulário, que visa a diminuir a lacuna e a diferença de conhecimento lexical existente entre crianças de diferentes níveis socioeconômicos, propiciando a proficiência em leitura por meio do aumento no conhecimento lexical através da leitura de histórias infantis. Esse programa também tem mostrado a eficiência da leitura mediada como metodologia de ensino do léxico e da compreensão em leitura.

Conclusão

Neste artigo, discorremos sobre aspectos complementares do léxico e de sua aquisição. Os aspectos cognitivos nos permitiram compreender a natureza da palavra e da sua significação, apontando para a importância do uso do contexto e de processos metacognitivos no ensino do léxico. Vimos que o pensar alto promove a consciência necessária para o desenvolvimento de estratégias diversas, sejam elas de inferência, de leitura ou de aprendizado. Os aspectos interativos, por sua vez, resgatam a essência da linguagem, sua finalidade última, a comunicação. Por esse viés, entende-se que o significado se constrói no uso e, para haver uso, é preciso haver interação por meio da fala ou da escrita. A leitura mediada como instrumento de ensino contempla esses dois aspectos, a metacognição e a interação, além de motivar os educandos para o aprendizado. Tanto a nossa pesquisa (SOUSA; GABRIEL, 2011) quanto a de Beck e McKeown (2002), observaram que a leitura mediada promoveu mudanças no comportamento dos estudantes diante das palavras e dos textos. Eles mostraram-se mais curiosos ao encontrar palavras novas e mais propensos a pensar sobre seus sentidos e usos. À vista disso, a leitura mediada revela-se um interessante instrumento de ensino, proporcionando aprendizado léxico-semântico e uma postura mais ativa do leitor para com o texto, a palavra e a aprendizagem por meio da leitura.

Referências Bibliográficas

BECK, I. L.; MCKEOWN, M. G.; KUCAN, L. **Bringing words to live**. New York: The Guildford

Press, 2002.

BECK, I. L.; MCKEOWN, M. G. **Text talk**: a summary of research. New York: Scholastic Inc, 2005. Disponível em: <www.scholastic.com/texttalk>. Acesso em: 10 nov. 2010.

ELMAN, J. L. An alternative view of the mental lexicon. **Trends in Cognitive Sciences**, v. 8, n. 7, p. 301-306, 2004.

ROCHA, R.; ROTH, O. **O livro do papel**. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2003.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1986.

SOUSA, L. B.; GABRIEL, S. **Aprendendo palavras através da leitura**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

SOUSA, B. S.; GABRIEL, R. **Palavras no cérebro**: o léxico mental. *Letrônica*, v. 5, n. 3, p. 3-20, jul./dez., 2012.

TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003b.

VAN DAALEN-KAPTEIJNS, M. M.; ELSHOUT-MOHR, M.; DE GLOPPER, K. Deriving the meaning of unknown words from multiple contexts. **Language Learning**, v. 51, p. 145-181, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

i Autor(es)

Lucilene BENDER DE SOUSA, doutoranda em Linguística,
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)
E-mail: lenebender@yahoo.com.br

ii **Rosângela GABRIEL, Profa. Dra.**
Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)
Departamento de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras
E-mail: rgabriel@unisc.br